

Estatuária medieval de Coimbra

Pode afirmar-se que a escultura lapidar em Coimbra ascende a um passado longínquo, quasi aos inícios da monarquia, pela documentação existente. E, em conjecturas presumíveis, não seria de grande temeridade recuar-lhe a origem a épocas anteriores.

Os exemplares da estatuária medieval conhecidos (pondo de parte a iconografia tumular) desde o séc. XIII, atestam claramente os esforços e as aptidões notáveis desses ingenuos obreiros, que imprimiam na pedra as visões confusas do seu entendimento e a sua sensibilidade. Neles se revelam preceitos de formas, de atitudes e de expressão, persistentes e conduzidos no sentido dum comum ideal. E sobre estes cânones aceitos e consagrados pelo assentimento da alma colectiva, se afirmou uma escola, de características definidas e inconfundíveis, que atinge no reinado de D. Dinis a sua fase culminante.

Sei quanto o assunto é delicado e de árduas responsabilidades, para que devam ser banidos alvitres não susceptíveis de demonstração cabal; não obstante, creio poder assegurar, com aparências de certeza moral, que antes desta época os imaginários conimbricenses trabalhavam segundo normas tradicionais, exclusivamente entregues à sua inspiração e aos recursos naturais do seu engenho.

Pelo exame comparativo destes espécimes, que em abundância se encontram nesta região, ou daqui foram transportados a diversos pontos do país, relacionando-os pelos traços de afinidade que os ligam, pelas analogias da modelação hesitante, e pelas audácias intencionais, tantas vezes frustradas, adquire-se a convicção de que nenhuma influência estranha se fez sentir sobre este movimento, acelerando-o, ou orientando-o, antes de 1280.

Pela disposição dos panejamentos sobretudo, se pode estabelecer a seriação cronológica e o momento em que aparecem os indícios da cooperação alheia, guiando a mão trémula do artista. Geralmente os vestidos caem em duas pregas obliquas dominantes; o manto em rugas acumuladas exuberantes e a fimbria pendente, enrolam-se em espirais de fantasia e com ostentação caprichosa. As mãos reduzem-se a limitadas fórmulas convencionais sempre reeditadas. Os cabelos, as coroas, os ornamentos, as jóias, etc., tudo se acentua em traços de tam completo assentimento, como se pela mesma mão fôsssem delineadas as figuras congêneres, classificadas em agrupamentos coevos.

E, sob a aparência superficial de rudeza e supostas incorrecções que emoções imprevistas e benignas oferecem essas ingénuas e admiráveis obras! A simplicidade familiar e doce destas imagens amorosas como devia ser compreensível à inteligência e ao sentimento de populações, incultas, oprimidas e desoladas!

Só observando-as de perto se pode ajuizar que vasto campo de estudo e agradável alvoroço aí está prometido aos peritos, que queiram explorá-lo, arrancando-as dos esconderijos solitários e sombrios dos altares rurais e trazendo-as à luz da crítica e da publicidade. Só então será apreciada esta dispersa e desamparada galeria de cándidas esculturas, que exaltam as qualidades da raça e marcam o nível atingido pela arte, num dado momento da nossa existência histórica.

Preciso, é porém, que aqui proclame uma restrição preventiva. E vem a ser que circunscrevo estas asserções a Coimbra, que considero como centro de actividade e irradiação de toda esta estatuária de que me occupo. É nesta região que existem os elementos mais expressivos de elucidação e seguras conclusões.

O desconhecimento dêste interessante capítulo, tam grato ao nosso affecto patriótico, explica-se pelo aspecto arcaico e equívoco dêstes icones hirtos e enigmáticos. Ou, melhor ainda, porque as deficiências e lacunas, em matéria de arte, são um deplorável estigma da civilização portuguesa..

Por isso se tem asseverado a penúria da nossa estatuária medieval, ao mesmo tempo que se admitia o absurdo da transplantação eventual da escultura da Renascença para o terreno de Coimbra. Como se fôsse possível a importação duma arte, que lançou raízes e floresceu, sem que a tradição anterior lhe fertilizasse a seiva, que havia de fixá-la ao solo e expandi-la à luz do sol!

É o caso da nossa pintura quinhentista..

As razões, em que fundamento as minhas asserções não poderiam ser expostas num artigo ligeiro, superficial e rápido. E tanto mais que, nos domínios da crítica e da história da arte, as sumidades consagradas estão assumindo uma atitude de exclusivismo hostil e defendem o ingresso aos ingénuos, como se fôsem incursões furtivos, devastando ceara alheia e afrontando direitos de propriedade!..

É preciso contudo que estes assuntos sejam trazidos a debate, sem sacrificar à intolerância de ideas preconcebidas a interpretação rigorosa dos factos e sem veleidades sacerdotais de infalibilidades e anátemas..



Fig. 1



Fig-2



Fig. 3



Fig. 4

Neste momento o enunciado da questão é simples pretexto, para concorrer com a minha desvalorizada oferta ao *lausperenne* celebrado em honra do Dr. Simões de Castro, do homem de saber, de modéstia e bondade, respeitado e querido, como o mais puro exemplo da austeridade moral e da abnegação generosa.

Limite-me, pois, nesta lacónica referência, ao assunto vasto, digno da atenção perspicaz dos devotados e sapientes.

As gravuras adjuntas (figs. 1 a 4) darão em traço vivo uma leve ideia dessas figuras intimamente tocadas de scentelha divina, que pode revelar-se sob todas as formas, sem obedecer a convenções e prescritos moldes. E, para que nelas fulja todo o encanto de beleza ingénua, é preciso olhá-las sem prevenções. Assim seremos cativados pela carinhosa simpatia que despertam, porque são criações do povo, que nelas imprimiu a mais pura scintilação das aptidões da nossa raça.

A. GONÇALVES.

La Station Paléolithique ancienne d'Arronches
(Portalegre) par l'abbé H. Breuil,
Professeur à l'Institut de Paléontologie Humaine (Paris)

Au cours de l'expédition de quelques semaines que je réalisai en Mai et Juin 1916 à travers les provinces espagnoles de Ciudad Real, Caceres et Badajoz, je recueillis, on s'en souvient, non seulement de précieux relevés de peintures rupestres, mais aussi un abondant matériel paléolithique¹.

Le point extrême de mon excursion fut, à l'ouest, en territoire portugais, la localité d'Arronches, à environ 12 kilomètres de la frontière espagnole, et une dizaine de La Esperança², dont j'ai décrit la belle roche peinte. Mon séjour en cette localité me permit d'y découvrir une importante station paléolithique ancienne, au voisinage du cimetière.

Le gisement occupe la surface d'une ancienne terrasse, dominant d'au moins 20 mètres la rivière actuelle, le Rio Caya, et s'étend sur

¹ H. Breuil, «Glans paléolithiques anciennes, dans le bassin du Guadiana», in *L'Anthropologie*, t. xxviii, 1917, p. 2 à 19.

² H. Breuil, «La roche peinte de Valdejunco à La Esperança, près Arronches (Portalegre)», in *Terra Portuguesa*, nos 13 et 14, 1917.